

Uma tradução do projeto [Traduções Abolicionistas](#)

Texto original:

NOPPER, Tamara K. **Understanding abolition through bell hooks**, Disponível em: <<https://thenewinquiry.com/blog/understanding-abolition-through-bell-hooks/>>. Acesso em: 24 maio 2022.

Tradução autorizada por Tamara K. Nopper.

Traduzido por Margarida Nogueira.

Data de publicação: 24 maio 2022.

Compreendendo a abolição através de bell hooks Tamara K. Nopper

bell hooks pode não ter se descrito como uma abolicionista. Outros também podem não se descreverem assim. Não estou preocupada em comprovar que ela foi uma abolicionista. O que eu quero considerar é como o pensamento de hooks é relevante para a abolição, na medida em que refletiu sobre como abordar o dano, a violência e o trauma de formas não-punitivas. Aqui, eu abordo as reflexões que hooks oferece à abolição a partir das suas considerações sobre dois tópicos: escrita confessional e cura.

O político não é só o pessoal

hooks frequentemente contava histórias pessoais. Ela relata em [Remembered Rapture: The Writer at Work](#), “Quando comecei a escrever teoria feminista, não costumava incluir confissões pessoais. Comecei a usar anedotas pessoais como uma estratégia para envolver leitores diversos. Vinda de uma família negra da classe trabalhadora, eu estava

especialmente preocupada com a importância de criar teoria feminista libertadora que pudesse falar ao máximo de pessoas possível. Através de palestras e conversas, eu descobri que as audiências atravessadas por raça e classe estavam dispostas a lidar com questões teóricas complexas se elas fossem apresentadas de formas acessíveis. Usar uma história anedótica para ilustrar uma ideia foi uma das formas de fazer a conexão entre o pensamento feminista que emerge de configurações universitárias e os discursos comuns sobre gênero que tomam lugar no cotidiano.”

Examinando como o confessional era debatido em círculos literários e feministas, hooks observou, “dentro de círculos feministas, as pessoas começaram a criticar e ridicularizar qualquer ênfase na confissão pessoal”. Apesar deste criticismo, hooks valorizava a confissão pessoal pela sua capacidade de criar espaço para que as mulheres se tornassem escritoras. “Mais do que nunca, mulheres poderiam explorar o terreno da escrita. Mais vozes poderiam ser escutadas. Muitas de nós ficamos inspiradas. Nossa autoconfiança foi fortalecida...”

Apesar de reconhecer o poder da confissão pessoal, hooks permaneceu atenta sobre os seus usos. Por exemplo, em [*Ensinando pensamento crítico*](#), ela escreveu sobre o objetivo das confissões pessoais em sala de aula. Enquanto valorizava pedagogicamente a partilha de histórias pessoais (de estudantes e de si mesma), hooks concluiu que os estudantes deviam aprender “a integrar e usar a confissão pessoal como meio de aprender mais sobre o material obrigatório. Quando essa habilidade falta, a confissão pode simplesmente se tornar uma forma de exibicionismo ou mesmo competição, durante a qual estudantes competem ativamente para contar a melhor história ou a mais memorável.”

Quer em sala de aula ou na sua escrita, hooks considerava a confissão pessoal como o começo, e não o fim. Por outras palavras, podemos confessar, ou articular como nos relacionamos pessoalmente com um problema, mas nem tudo é sobre nós. hooks escreveu, “estou

Compreendendo a abolição através de bell hooks

mais interessada na escrita confessional quando ela nos permite mobilizar o pessoal como uma forma de ir além. Em todo meu trabalho, evoco o pessoal como um prelúdio. Ele funciona como um gesto de boas-vindas, oferecendo ao leitor um sentido de quem eu sou, um sentido de lugar.”

Esse sentido de lugar parecia menos um espaço fixo e mais uma articulação de onde hooks partia e para onde esperava ir, interpessoal e politicamente. Portanto, hooks distinguia o ato da confissão daquilo que estava a ser expresso politicamente. Como afirmou em *Remembered Rapture*, “Embora mulheres de todas as origens continuassem contando suas histórias, eventualmente havia pouco ou nenhum reconhecimento crítico dos modos como escritores utilizavam a narrativa pessoal com intencionalidades diversas. Escritores que valorizavam as narrativas pessoais e cujo trabalho estava mais próximo da política feminista e da teoria feminista não podiam contar com leitores críticos, especialmente avaliadores, para tomar nota das questões de estilo, conteúdo ou propósito.” As nossas confissões não dizem todas a mesma coisa e as nossas intenções ao contar histórias pessoais podem ser diferentes.

Para [hooks](#), o compartilhamento da “vida privada como exibicionismo e performance não é a mesma coisa que o uso estratégico de informação privada que procura subverter as políticas de dominação.” hooks lembrou-nos que, embora contar nossas verdades seja poderoso, nossa política ainda importa. Ou, como Adrienne Rich disse em uma [palestra](#) sobre narrativas pessoais: “Com qualquer história pessoal, o que deve ser feito? O que sabemos quando conhecemos sua história? Para quem é a sua história?”

A análise crítica de hooks sobre escrita confessional é relevante para a abolição, uma vez que histórias pessoais são frequentemente instrumentalizadas pelo Estado para angariar apoio à criminalização e à punição carcerária. Muitas figuras políticas colocam em destaque um indivíduo com uma história terrível de vitimização violenta para promover medidas “duras contra o crime” como a solução. Que existe um debate político entre aqueles que foram vitimizados sobre como

explicar e abordar o dano e a violência que experienciaram é frequentemente negado por aqueles que buscam uma forma encarceradora de justiça. Aqueles que contam histórias de sobrevivência da violência, mas não procuram formas de responsabilização que fortaleçam o estado carcerário não são tão [amplificados politicamente](#), e por vezes são completamente descartados.

Enquanto indivíduos, existimos socialmente em relação uns com os outros e com o mundo que queremos manter ou construir, o que significa que vamos ter que resolver as coisas politicamente. Temos de lidar com nossos sentimentos pessoais ao determinar as políticas que exigimos *porque elas têm impacto sobre todos*. A construção abolicionista desafia-nos a lidar com tudo o que sentimos – incluindo, possivelmente, ódio e sede por vingança – sem promover sistemas carcerários. Como Mariame Kaba e Rachel Herzog [afirmam](#), “o abolicionismo não é uma política mediada por respostas emocionais... a abolição não é sobre a porra dos seus sentimentos. Claro, tudo envolve sentimentos, mas celebrar a prisão de alguém é contrário à abolição do complexo industrial-prisional.”

Curar sem causar mais dano

hooks deixou claro que estava em busca de cura e refúgio do dano. Seu artigo de 1991, “A teoria como prática libertadora”¹, abre com, “Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura.” Adiante, na mesma página, hooks revelou que as experiências no seu lar foram algumas de suas primeiras fontes de dor.

¹ Nota da tradução (NT): O referido artigo corresponde ao capítulo 5 da obra [Ensinando a transgredir](#).

Compreendendo a abolição através de bell hooks

Sua busca pela cura a inspirou a escrever sobre amor, o que, ela [relatou](#), fazia as pessoas dizerem, “bell hooks está ficando dócil *porque ela está focando no amor*. E eu pensava, Oh, não, não o amor de que estou falando – porque estou, na verdade, falando de um amor baseado em uma visão de reciprocidade, comunhão e solidariedade; para mim, isso está profundamente ligado ao feminismo, porque eu sinto que enquanto tivermos desigualdade, desigualdade de gênero, sexismo e patriarcado, não podemos ter reciprocidade. O que temos é um paradigma de dominação constante, um senso contínuo de que, no mundo, há sempre um topo e uma base nas nossas relações, há sempre uma pessoa subordinada e uma pessoa que domina.”

Para hooks, o amor e a cura eram simultaneamente processos profundamente pessoais e sociais que podiam ter implicações políticas. Como [Joy James](#) escreveu recentemente sobre hooks, “Com uma mão firme no volante, ela escrevia para impedir que o pessoal e o terapêutico se desintegrassem no fetiche.”

Relevante para a abolição, hooks, durante sua vida e carreira, não se esquivou de abordar como o dano e a violência podem ser perpetrados por qualquer um, incluindo por aqueles que nos amam. Ao mesmo tempo que tratava da questão de onde nos situamos socialmente nas hierarquias de raça, gênero, sexualidade, e status econômico, hooks também enfatizou que qualquer um de nós pode exercer dominação de uma forma ou outra. Alguns podem considerar isso uma falha na sua análise, uma versão de “dois-ladismos”. No entanto, é um ponto importante a considerar em termos de abolição, já que muitos se opõem à criminalização e ao encarceramento somente para aqueles que consideram inocentes ou injustamente condenados, enquanto aqueles que consideram culpados podem apodrecer no inferno. Como hooks sugere, a cura é menos sobre distinguir os inocentes dos não-inocentes; é sobre trabalhar ativamente contra o desejo generalizado de dominar, e não igualar cura com retribuição violenta. Neste sentido, ela estava perto daquilo que Ruth Wilson Gilmore (2017) discute como “[o problema da inocência](#).”

Não estou tão investida no amor como hooks parecia estar. Nem considero o amor uma condição necessária para fazer política ou estar na luta política com outros. Mas acho as reflexões de hooks sobre cura e amor úteis para lidar com questões que [Gilmore](#) observa que são exploradas por abolicionistas: “Então, uma pergunta que nós abolicionistas nos fazemos é: Quais são as condições sob as quais é mais provável que as pessoas recorram ao uso de violência e dano para resolver problemas? Essa é uma pergunta que nos fazemos. O que podemos fazer para que haja menos dano?”

Isso não quer dizer que curar signifique ausência de responsabilidade. hooks explorou muito a responsabilização, mas em muitos casos a diferenciou da punição severa. hooks também compreendia que, como apontado por [Toni Morrison](#) (cujos dois primeiros romances hooks selecionou para escrever a sua dissertação), “Existe uma diferença entre vingança e justiça. Mas a justiça em si tem algumas consequências desagradáveis. Temos que admitir que, se queremos justiça por alguma conduta ruim de uma pessoa má, queremos punição, queremos contenção, não queremos reabilitação. E isso pressupõe que há algo chamado o outro, há um estranho, esse é seu vizinho ou o criminoso ou o assim-chamado criminoso, é outra coisa, é um outro.”

Numa [conversa](#) de 1998 com Maya Angelou, hooks explorou como responsabilizar alguém sem o tornar um estranho : “Acho que esta é uma pergunta difícil, como lidamos com a questão do perdão. Para mim, perdão e compaixão estão sempre ligados: como podemos responsabilizar as pessoas por seus erros e, ao mesmo tempo, permanecer em contato com sua humanidade o suficiente para acreditar em sua capacidade de ser transformada?” hooks reconheceu que descobrir isso não é fácil.

Anos depois, em uma [conversa](#) com George Brosi a respeito da comunidade amada de Martin Luther King Jr., hooks falou sobre o que significa ter cura e responsabilização sem causar mais danos. Em resposta à declaração de Brosi, “Central para a noção de comunidade

Compreendendo a abolição através de bell hooks

amada é a ideia de que pode haver reconciliação em oposição à vitória”, hooks respondeu, “Exatamente, e então aceitamos aqueles conceitos de justiça restaurativa e reconciliação, porque a justiça restaurativa elimina uma noção de culpa e a substitui com uma visão de responsabilidade, o que significa que podemos ser mutuamente responsáveis pela cura, mesmo que haja uma pessoa que seja *a vítima*”.

Na conversa, hooks fez referência às “várias artes marciais orientais” e destacou que elas “não envolvem machucar o oponente, mas buscar um equilíbrio com o oponente para que você aprenda a se proteger sem causar dano a ninguém.” Ela tratava como legítimo o desejo de evitar danos, o que alguns poderiam chamar de segurança. Entretanto, hooks se aproximou da [reflexão](#) de Kaba de que segurança não é algo que podemos possuir: “Porque não acho que segurança seja uma coisa. Acho que segurança é uma relação.” hooks abordou a segurança de uma maneira que, como Gilmore conceitua a [geografia da abolição](#), envolve “melhorar vidas”, mas “não às custas de outras pessoas, lugares ou coisas vulneráveis”, e revela a [possibilidade](#) de como “a consciência radical em ação se transforma em modos de vida livres, ainda que provisórios, presentes e passados”.